

o direito
universal à
respiração

Achille Mbembe

Tradução Ana Luiza Braga

Há quem evoque, desde já, o "pós-COVID-19". Por que não? Para a maioria de nós, no entanto, e especialmente nas partes do mundo onde os sistemas de saúde foram devastados por anos de abandono organizado, o pior ainda está por vir. Na ausência de leitos hospitalares, respiradores, exames em massa, máscaras, desinfetantes à base de álcool e outros dispositivos de quarentena para as pessoas já afetadas, serão muitos aqueles que, infelizmente, não passarão pelo buraco da agulha.

1.

Algumas semanas atrás, diante do tumulto e da consternação que se aproximavam, alguns de nós tentavam descrever esses nossos tempos. Tempos sem garantia nem promessa, dizíamos, em um mundo cada vez mais dominado pela assombração de seu próprio fim. Mas também tempos caracterizados por "uma redistribuição desigual da vulnerabilidade" e por "compromissos novos e ruinosos com formas de violência tão futuristas quanto arcaicas", agregávamos¹. Ou ainda: tempos de brutalismo².

Para além das suas origens no movimento arquitetônico de meados do século XX, definíamos brutalismo como o processo contemporâneo "pelo qual o poder agora se constitui, se expressa, se reconfigura, age e se reproduz como força geomórfica". Isto se dá através de processos de "fraturação e fissuração", de "enxugamento das veias", de "perfuração" e "esvaziamento das substâncias orgânicas". Em suma, pelo que chamamos de "depleção".

Nós chamávamos a atenção, justificadamente, para a dimensão molecular, química e até radioativa desses processos: "Não seria a toxicidade, isto é, a multiplicação de substâncias químicas e resíduos perigosos, uma dimensão estrutural do presente? Tais

1 Achille Mbembe e Felwine Sarr, *Politique des temps*. Paris : Philippe Rey, 2019.

2 Achille Mbembe, *Brutalisme*. Paris: La Decouverte, 2020, a ser publicado em breve pela n-ledições, em tradução brasileira.

substâncias e resíduos não atacam apenas a natureza e o meio ambiente (o ar, os solos, as águas, as cadeias alimentares), mas também os corpos expostos ao chumbo, ao fósforo, ao mercúrio, ao berílio e aos fluidos frigoríficos."

Nos referíamos, justamente, aos "corpos vivos expostos ao esgotamento físico e a todo tipo de risco biológico, por vezes invisível". Não nomeávamos, entretanto, os vírus (são quase 600.000, transportados por todo tipo de mamíferos); exceto metaforicamente, no capítulo dedicado aos "corpos de fronteira". De resto, era a própria política do vivo como um todo que estava, mais uma vez, em questão³. E é dela que o coronavírus constitui o nome.

2.

Nesses tempos púrpuras - supondo que a característica distintiva de qualquer tempo seja a sua cor - talvez devamos começar nos debruçando sobre todos aqueles e aquelas que já nos deixaram.

Uma vez ultrapassada a barreira dos alvéolos pulmonares, o vírus infiltrou sua circulação sanguínea. Em seguida, atacou os órgãos e outros tecidos, começando pelos mais expostos. A isto se seguiu uma inflamação sistêmica. Aqueles que apresentavam anteriormente problemas cardiovasculares, neurológicos ou metabólicos, ou que sofriam de patologias ligadas à poluição, sofreram os ataques mais furiosos. Sem fôlego e privados de aparelhos respiratórios, eles partiram subitamente, como se às escondidas, sem qualquer possibilidade de se despedir. Seus restos foram imediatamente cremados ou enterrados. Em solidão. Era preciso, nos disseram, desfazer-nos deles o mais rápido possível.

Mas já que estamos nisso, por que não somar a estes todos os demais, e eles se contam às dezenas de milhões

³ Achille Mbembe, *Necropolítica*, n-1, 2019.

de vítimas de aids, cólera, malária, Ebola, Nipah, febre de Lassa, febre amarela, zika, chikungunya, câncer de todos os tipos, epizootias e outras pandemias animais, como a peste suína ou a febre catarral ovina; todas as epidemias imagináveis e inimagináveis que, durante séculos, devastaram povos sem nome em terras remotas? Sem contar as substâncias explosivas e outras guerras predatórias e de ocupação que mutilam e dizimam dezenas de milhares, lançando às rotas do êxodo centenas de milhares de outros, a humanidade errante.

Como esquecer, aliás, o desmatamento intensivo, os mega-incêndios e a destruição dos ecossistemas, ou a ação nefasta de empresas poluidoras e destruidoras da biodiversidade? A propósito, já que o confinamento passou a fazer parte de nossa condição atual, como esquecer as multidões que povoam as prisões do mundo, e também aqueles outros cujas vidas foram despedaçadas face aos muros e outras técnicas de fronteirização, como os inúmeros postos de controle que pontilham territórios, mares, oceanos, desertos e todo o resto?

Até outro dia, tratava-se apenas de uma questão de aceleração, de redes de conexão tentaculares que abrangiam a totalidade do planeta, da inexorável mecânica da velocidade e da desmaterialização. É na esfera digital que parecia residir o destino dos conjuntos humanos e da produção material, bem como o dos seres vivos. Lógica onipresente, circulação de alta velocidade e memória de massa auxiliar, bastava "transferir o conjunto das aptidões do ser vivo para um duplo digital"⁴ que tudo estaria resolvido. Estágio supremo de nossa breve história na Terra, o ser humano poderia, enfim, ser transformado em um dispositivo plástico. O caminho estava aberto para a realização do velho projeto de extensão infinita do mercado.

⁴ Alexandre Friederich, H, *Vers une civilisation 0.0*. Paris : Editions Allia, 2020.

Em meio à embriaguez generalizada, é esta corrida dionisiaca, também descrita em *Brutalisme*, que o vírus vem frear - sem, no entanto, a interromper definitivamente - enquanto tudo permanece como estava. Agora, no entanto, o momento é de asfixia e putrefação, de amontoamento e cremação de cadáveres, em uma palavra, de ressurreição de corpos vestidos, ocasionalmente, com suas mais belas máscaras funerárias e virais. Será que a Terra, para os humanos, estaria em vias de se transformar em uma roda de despedaçamento, uma Necrópole universal? Até onde irá a propagação de bactérias de animais silvestres em direção aos humanos se, a cada vinte anos, quase 100 milhões de hectares de floresta tropical (os pulmões da terra) forem cortados?

Desde o início da revolução industrial no Ocidente, quase 85% das áreas úmidas foram drenadas. A destruição de habitats prossegue, inabalável, e populações humanas em estado de saúde precário são quase que diariamente expostas a novos agentes patógenos. Antes da colonização, os animais silvestres, principais reservatórios de patógenos, estavam circunscritos a ambientes nos quais apenas populações isoladas viviam. Foi o caso, por exemplo, dos últimos países florestais do mundo, na Bacia do Congo.

Atualmente, as comunidades que viviam e dependiam dos recursos naturais desses territórios foram expropriadas. Expulsas pela venda de terras por regimes tirânicos e corruptos e pelas vastas concessões estatais feitas aos consórcios agroalimentares, essas comunidades já não podem mais manter as formas de autonomia alimentar e energética que lhes permitiram viver, durante séculos, em equilíbrio com a mata.

3.

Nessas condições, uma coisa é se preocupar, à distância, com a morte de outrem. Outra é tomar consciência, repentinamente, da própria putrescibilidade, e ter de

viver na vizinhança da própria morte, a contemplá-la como uma possibilidade real. Este é, em parte, o terror que o confinamento suscita em muitos: a obrigação de finalmente ter de responder por sua vida e por seu nome.

Responder, aqui e agora, por nossa vida com outros (incluindo os vírus) nesta Terra e por nosso nome em comum: esta é, efetivamente, a injunção que esse momento patogênico endereça à espécie humana. Momento patogênico, mas também catabólico por excelência: o da decomposição de corpos, da triagem e da eliminação de todo tipo de lixo-humano - a "grande separação" e o grande confinamento, em resposta à propagação desconcertante do vírus e em consequência da extensiva digitalização do mundo.

Mas não importa o quanto tentemos nos livrar disso, tudo nos remete, por fim, ao corpo. Tentamos enxertá-lo em outros suportes, fazer dele um corpo-objeto, um corpo-máquina, um corpo-digital, um corpo ontofânico. E ele retorna para nós na forma espantosa de uma enorme mandíbula, veículo de contaminação e vetor de pólen, esporas e bolor.

Saber que não estamos a sós nesta provação, ou que talvez sejamos muitos a escapar, não oferecem senão um vão consolo. Na realidade, nunca aprendemos a viver com os vivos, a nos importar verdadeiramente com os danos causados pelo homem nos pulmões da Terra e em seu organismo. Portanto, jamais aprendemos a morrer. Com o advento do Novo Mundo e, alguns séculos depois, o surgimento das "raças industrializadas", optamos, essencialmente, por uma espécie de vicariato_ontológico: delegar nossa morte a outros e fazer da própria existência um grande banquete sacrificial.

Em breve, contudo, não será mais possível delegar a própria morte a outras pessoas. Elas não morrerão mais em nosso lugar. Seremos simplesmente condenados a assumir, sem mediação, nosso próprio falecimento. Haverá cada vez menos oportunidades de dizer adeus. A hora da autofagia está se aproximando e, com ela, o fim

da comunidade - porque dificilmente haverá comunidade digna desse nome quando dizer adeus, isto é, recordar os vivos, não for mais possível.

Pois a comunidade, ou melhor, o em-comum, não se assenta somente na possibilidade de dizer adeus, isto é, em poder ter um encontro com outros que seja único, a ser honrado novamente, a cada vez. O em-comum depende também da possibilidade, sempre retomada, da partilha sem condições de algo absolutamente intrínseco, isto é, incontável, incalculável, e portanto inestimável.

4.

O horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Presa em um cerco de injustiça e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, e a sensação de que nosso mundo está em suspenso não para de se espalhar.

Se, nessas condições, ainda houver um dia seguinte, ele não poderá ocorrer às custas de alguns, sempre os mesmos, como na Antiga Economia. Ele dependerá, necessariamente, de todos os habitantes da terra, sem distinção de espécie, raça, gênero, cidadania, religião ou qualquer outro marcador de diferenciação. Em outras palavras, ele só poderá ocorrer ao custo de uma ruptura gigantesca, produto de uma imaginação radical.

Um mero remendo não será suficiente. No meio da cratera, será preciso reinventar literalmente tudo, começando pelo social. Quando trabalhar, se abastecer, se informar, manter contato, nutrir e conservar os laços, se falar e trocar, beber junto, celebrar cultos e organizar funerais só puder acontecer por intermédio de telas, é hora de nos darmos conta de que estamos cercados, de todos os lados, por anéis de fogo. Em grande medida, o digital é o novo buraco escavado no chão pela explosão. Ele é o bunker onde o homem e a mulher isolados são convidados a se esconder, ao mesmo tempo trincheira, entranhas e paisagem lunar.

Acredita-se que, por meio do digital, o corpo de carne e osso, o corpo físico e mortal, será aliviado de seu peso e de sua inércia. Ao final desta transfiguração, ele poderá finalmente atravessar o espelho, subtraído à corrupção biológica e restituído ao universo sintético dos fluxos. Isto é uma ilusão: assim como dificilmente haverá humanidade sem corpo, a humanidade também não poderá conhecer a liberdade sozinha, fora da sociedade ou às custas da biosfera.

5.

Precisamos recomeçar de outro lugar, já que, para nossa própria sobrevivência, é imperativo restituir a todo vivo (incluindo a biosfera) o espaço e a energia de que precisa. Em sua vertente noturna, a modernidade terá sido, do começo ao fim, uma guerra interminável travada contra o vivo. E ela está longe de terminar. A sujeição ao digital constitui uma das modalidades desta guerra, que conduz diretamente ao empobrecimento do mundo e à dessecação de grande parte do planeta.

Lamentavelmente, é de se temer que, na sequência desta calamidade, longe de sacralizar todas as espécies de seres vivos, o mundo entre em um novo período de tensão e brutalidade. No plano geopolítico, a lógica da força e do poder continuará a prevalecer. Na ausência de uma infraestrutura comum, a divisão feroz do globo será acentuada e as linhas de segmentação serão intensificadas. Muitos estados buscarão reforçar suas fronteiras, na esperança de proteção contra a exterioridade. Eles terão dificuldade em recalcar a violência constitutiva que, como de costume, descarregam sobre os mais vulneráveis. A vida por trás das telas e nos enclaves protegidos por empresas de segurança privada se tornará a norma.

Na África, em particular, como em muitas partes do Sul do mundo, a extração intensiva de energia, a pulverização agrícola, a predação em contextos de venda

de terras e a destruição das florestas seguirão com ainda mais vigor. A provisão e a produção dos chips e dos supercomputadores dependem disso. O fornecimento e a distribuição de recursos e de energia necessários para a infraestrutura da computação global se darão em prejuízo da mobilidade humana, que será ainda mais restringida. Manter o mundo à distância se tornará a norma, e será comum expulsar toda sorte de riscos ao exterior. Por não atacar nossa precariedade ecológica, contudo, esta visão catafóbica de mundo, inspirada nas teorias da imunização e contágio, dificilmente nos permitirá sair do impasse planetário em que nos encontramos.

6.

Das guerras travadas contra o vivo, pode-se dizer que seu traço fundamental terá sido o de tirar o fôlego. Enquanto entrave maior à respiração e à reanimação de corpos e tecidos humanos, a COVID-19 segue a mesma trajetória. Em que consiste respirar, efetivamente, senão na absorção de oxigênio e na expulsão de dióxido de carbono, ou ainda em uma troca dinâmica entre sangue e tecidos? Mas, no compasso em que anda a vida na Terra, e em vista do pouco que resta da riqueza do planeta, estaremos tão distantes assim do tempo em que haverá mais dióxido de carbono para inalar do que oxigênio para aspirar?

Antes deste vírus, a humanidade já estava ameaçada de asfixia. Se houver guerra, portanto, ela não será contra um vírus em particular, mas contra tudo o que condena a maior parte da humanidade à cessação prematura da respiração, tudo o que ataca sobretudo as vias respiratórias, tudo que, durante a longa duração do capitalismo, terá reservado a segmentos de populações ou raças inteiras, submetidas a uma respiração difícil e ofegante, uma vida penosa. Para escapar disso, contudo, é preciso compreender a respiração para além de seus aspectos puramente biológicos, como algo que é comum a nós e que, por definição, escapa a todo cálculo. Estamos falando, portanto, de um direito universal à respiração.

Como aquilo que é a um só tempo fora do solo e nosso solo comum, o direito universal à respiração não é quantificável. Não pode ser apropriável. É um direito em relação à universalidade não só de cada membro da espécie humana, mas do vivo como um todo. Deve, portanto, ser entendido como um direito fundamental à existência. Como tal, não pode ser objeto de confisco, e escapa à toda soberania porque sintetiza o princípio da soberania em si mesmo. Trata-se, ademais, de um direito originário de habitar a Terra, próprio da comunidade universal de seus habitantes, humanos e outros⁵.

Coda

O processo terá sido instaurado milhares de vezes. Podemos recitar as principais acusações de olhos fechados. Quer se trate da destruição da biosfera, do aprisionamento de mentes pela tecnociência, da desintegração da resistência, de ataques repetidos contra a razão, da cretinização dos espíritos ou da ascensão de determinismos (genéticos, neuronais, biológicos, ambientais), os perigos para a humanidade são cada vez mais existenciais.

Dentre todos esses perigos, o maior é que toda forma de vida seja inviabilizada. Entre aqueles que sonham em transferir nossa consciência para as máquinas e aqueles que estão convencidos que a próxima mutação da espécie consiste na emancipação em relação à nossa ganga biológica, a distância é insignificante. A tentação da eugenia não desapareceu. Ao contrário, ela está na base dos recentes avanços na ciência e na tecnologia.

Em meio a tudo isso, sobrevém esta parada brusca - não da história, mas de algo que ainda é difícil apreender. Por ser forçada, esta interrupção não resulta da nossa vontade. Sob vários aspectos, é imprevista e imprevisível. No entanto, é de uma interrupção

⁵ Sarah Vanuxem, *La propriété de la Terre*. Wildproject, 2018 ; e Marin Schaffner, *Un sol commun. Lutter, habiter, penser*, Wildproject, 2019

voluntária, consciente e plenamente consentida que precisamos, caso contrário, mal haverá um depois. Haverá apenas uma série ininterrupta de acontecimentos imprevistos.

Se a COVID-19 é, de fato, a expressão espetacular do impasse planetário em que a humanidade se encontra, então não se trata simplesmente de recompor uma Terra habitável, para que ela ofereça a todos a possibilidade de uma vida respirável. Trata-se, na realidade, de recuperar as fontes do nosso mundo, a fim de forjar novas terras. A humanidade e a biosfera estão ligadas. Uma não tem futuro algum sem a outra. Seremos capazes de redescobrir nosso pertencimento à própria espécie e nosso vínculo inquebrável com o conjunto do vivente? Esta talvez seja a pergunta derradeira, antes que a porta se feche de uma vez por todas.

Achille Mbembe é historiador. É autor, entre outros, de *Crítica da razão negra*, de *Necropolítica* e de *Brutalismo* (no prelo), todos pela n-1edições.